

## **Discurso político: ecos de Madeira, sopros de vento**

**(Discours politique: echos de Bois, souffles de vent)**

**Cláudia Rejanne Pinheiro GRANGEIRO\***

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI (URCA)

### **RESUMO**

À medida que discute a apropriação do discurso religioso pelo discurso político, este trabalho propõe alguns questionamentos sobre a fala política contemporânea, apontando, também, para a possibilidade de um redimensionamento das noções de língua de madeira e de língua de vento.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Discurso político. Língua de madeira. Língua de vento.

### **RESUMÉ**

*À mesure qu'il aborde l'appropriation du discours religieux par le discours politique, cet article propose quelques pistes de réflexion sur le discours politique contemporain, en soulignant en outre la possibilité d'une nouvelle évaluation des notions de "langue de bois" et de "langue de vent".*

### **MOTS-CLÉS**

*Discours politique. Langue de bois. Langue du vent.*

\* Sobre a autora ver página 79

## 1 Introdução

Em todas as esferas da atividade humana vêm ocorrendo transformações muito rápidas. O sujeito contemporâneo vive imerso em ciclones de informações que lhe chegam por todos os lados. Alguns pesquisadores denominam o estágio atual da sociedade de “pós-modernidade”, designação tão imprecisa quanto controversa. O fato é que vivemos numa sociedade do espetáculo, sob a primazia das imagens, da fala breve. Tais elementos atingiram certamente a fala política, que, cada vez mais, utiliza-se das estratégias de marketing do discurso publicitário. Essas estratégias, materializadas nos textos (verbais, imagéticos e/ou híbridos), das mais variadas formas, não ocorrem em todos os momentos, em todos os lugares da mesma maneira. Vivemos sob o signo da política espetacularizada, no entanto, os espetáculos não são idênticos em todos os lugares. Em diferentes condições sócio-históricas, as “línguas de madeira” relacionam-se com as “línguas de vento” de formas distintas.

Para a discussão de tais questões, ainda como reflexões iniciais e na forma mais de hipóteses e indagações do que de respostas, analisaremos os mecanismos de constituição do discurso político no folheto de cordel no contexto das eleições municipais do ano 2000 da cidade de Juazeiro do Norte, no Cariri cearense, no intuito de investigar as relações do discurso político com outras “regiões do dizer”, como o discurso religioso, verificando os efeitos de sentido aí produzidos. Os fundamentos teóricos que norteiam o nosso trabalho são as teorias desenvolvidas no âmbito da corrente francesa de Análise do Discurso preconizada pelo grupo em torno de Michel Pêcheux, para a qual concorreram de forma significativa os postulados teórico-metodológicos de Michel Foucault.

## 2 A fala política entre des e pós

Um dos aspectos das grandes transformações do ponto de vista econômico, por exemplo, é a passagem do modelo fordista para o da

acumulação flexível, as novas formas de organização do trabalho, a produção de novas tecnologias, o que trouxe como consequência mais imediata o aumento exorbitante da produção, não só de bens como de serviços – pessoais, comerciais, como também educacionais, de saúde, lazer, de espetáculos, etc, ou seja, produz-se uma imensa e diversificada quantidade de bens, mercadorias, serviços e informações num espaço muito curto de tempo.

Tais elementos trouxeram, também, como consequência, uma grande mudança nas sensibilidades do sujeito contemporâneo, a qual, segundo Harvey (1996, p. 65) “não ocorreu num vazio social, econômico ou político. A promoção, por exemplo, da publicidade como ‘arte oficial do capitalismo’ traz para a arte estratégias publicitárias e a introduz nessas mesmas estratégias.” De acordo com Eagleton (1998, p. 16), a pós-modernidade alude a um período histórico específico no qual a linha de pensamento questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade, objetividade, a idéia de progresso, emancipação universal, os sistemas únicos e as grandes narrativas, ou seja, os paradigmas de base da sociedade ocidental, cujo cume foi o século XIX, templo do desenvolvimento industrial e das grandes correntes ideológicas.

Sem a pretensão de adentrar no debate sobre “os prós” e “os contra”, limitar-nos-emos a admitir que “a pós” contém, em seu seio, alguns “des”, de acordo com Gumbrecht (1988, p. 9 a 10):

A **destemporalização** ou simultaneidade, ou seja, um presente cada vez mais amplo e cheio de movimento; [...] a **destotalização**, quer dizer, já não valem os conceitos totalizantes do mundo; e a **desreferencialização**. É como se houvesse sido perdida a impressão de que o mundo exterior é que dá referência aos significados (grifos nossos).

Tais características da sociedade contemporânea atingem, certamente, a esfera política. A dimensão tecnicista da Política descrita por Habermas (1978) parece ter desaparecido atualmente, em função de um discurso mais vago, de conteúdo mais fluido do que nos anos 1980, que pareceu, a princípio, estabelecer um consenso sobre os valores

neoliberais, diferente, por exemplo, dos grandes conflitos ideológicos dos anos 1970<sup>1</sup>.

Um dos fatores determinantes de tal processo, sem dúvida, foi o advento das técnicas audiovisuais de comunicação, principalmente, da televisão, fenômeno estudado, dentre outros autores, por Courtine (2003), denominado de “espetacularização da política”. Trata-se, de acordo com o autor, de uma:

Mutação do *homo politicus*: [...] As técnicas audiovisuais de comunicação política promoveram toda uma pedagogia do gesto, do rosto, da expressão. Elas **fizeram do corpo um objeto-farol, um recurso central da representação política**. É como se se passasse de uma política do texto, veículo de idéias, para uma política da aparência, geradora de emoções (COURTINE, 2003, p. 25) (grifos nossos).

Para o autor, as línguas de madeira (línguas duras e herméticas) do direito e da política relacionam-se, cada vez mais intimamente com as línguas de vento (flexíveis, fluidas) da publicidade.

Considerando, pois, tais pressupostos, e considerando, ainda, que em diferentes localidades, os dispositivos de discursividade se constituem de maneira particular, propusemo-nos a estudar o discurso político no contexto da cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, verificando os mecanismos de constituição do discurso, mais precisamente, os efeitos de sentido decorrentes da relação entre o discurso político e o discurso religioso.

---

<sup>1</sup> Este suposto consenso parece ter sido fortemente questionado após três décadas de experiência com o modelo neoliberal. Diferentemente daquela espécie de desencanto, desmobilização que marcaram os movimentos sociais nas décadas de 80 e 90, após a queda do muro de Berlim, atualmente parece que surgiram outros movimentos sociais. Nessa perspectiva, são visíveis, hoje, fortes movimentos de resistência das nacionalidades, como Palestina, Tibet, etc; estudantes e trabalhadores franceses pararam o País derrotando o CPE (Contrato do Primeiro Emprego); a América Latina foi tomada pela chamada “onda rosa”, ou seja, grandes mobilizações contra os efeitos das políticas neoliberais, que levaram, por exemplo, à eleição de diversos governos “de esquerda” e à constituição de organizações de trabalhadores em diversos países deste continente, fazendo falar novamente correntes ideológicas como o marxismo, por exemplo, que antes pareciam silenciadas. O presidente da Venezuela, a despeito de todas as controvérsias, proclama-se “trotskista” e fala de um “socialismo do século XXI”.

### 3 O discurso político pelos caminhos de Juazeiro

*Juazeiro terra santa  
Muita fé e oração  
Sofrimento, muita reza e penitência  
Prá encontrar a solução*

(Banda Dr. Raiz)

Juazeiro do Norte é uma cidade de porte médio (250 mil habitantes), localizada na região do Cariri, extremo sul do Ceará, a 550 km de Fortaleza, que atrai a atenção de pesquisadores do mundo inteiro. Nos meses de setembro e novembro, a população chega a duplicar por causa dos romeiros, que se deslocam de diversas partes do Brasil, principalmente do estado de Alagoas, para visitar a estátua do Padre Cícero Romão Batista e as diversas igrejas, orar, fazer e pagar promessas. As romarias ocorrem em decorrência da atribuição ao Padre de um **poder fazer** milagres. Esta crença é oriunda, dentre outros fatores, do fenômeno da transformação de uma hóstia em sangue, em 1889, no momento em que o Padre Cícero oficiava a comunhão de uma jovem devota, conhecida como Beata Maria de Araújo, a qual, segundo testemunhas, apresentava, também, antes do ocorrido, os estigmas da crucificação de Cristo. Tal fenômeno fez o povo acreditar que se tratava de uma **Segunda Redenção**, ou seja, um segundo derramamento do sangue de Cristo para a expiação dos pecados, o que gerou um choque entre a política de romanização protagonizada pela Igreja Católica no final do século XIX com a fé popular. Tal conflito foi chamado por Forti (1999) de “disputa pelos bens simbólicos da salvação”.

Esses fenômenos com todas as consequências posteriores, aliados a condições sócio-econômicas mais amplas, geraram um caldeirão cultural fervente e toda a história da cidade foi construída com base em tais questões. Um dos personagens destacou-se pela participação ímpar em todo esse enredo: o Padre Cícero Romão Batista, considerado por alguns historiadores como “Coronel de Batina”, por

uma grande parte da população do Nordeste como santo, e, por outros, como uma das pessoas da Santíssima Trindade.

De qualquer forma, por ser uma espécie de “discurso fundador” (ORLANDI, 2003)<sup>2</sup>, o discurso do milagre de Juazeiro circula em todos espaços institucionais na cidade e as mais diversas formações discursivas com ele se relacionam para se legitimarem, por meio de estratégias diferenciadas. Assim o é com o discurso da propaganda, o discurso pedagógico e com o discurso político. Tanto que, nas reuniões da Câmara de Vereadores da cidade, toda sessão é aberta com os dizeres: “Em nome de Deus e com as bênçãos do Padre Cícero”.

Particularmente nas eleições para prefeito de 2000, essa relação entre os discursos político e religioso tornou-se patente. Considerando-se o discurso como prática (PÉCHEUX, 1990; FOUCAULT, 1997), notava-se, também, nas práticas rituais da eleição, a imbricação dos campos discursivos: comícios com elementos de procissões, discursos políticos com todas as características tipológicas de sermões, com fortes tópicos de messianismo, etc.

Havia, nessa eleição, quatro coligações em disputa: uma, liderada pelo PFL, com o candidato Carlos Alberto da Cruz; outra, liderada pelo PDT, com o candidato José Mauro Castello Branco Sampaio; outra, PC do B, PAN e PSB, encabeçada pela candidata Salete Maria de Souza, e outra, a FE (Frente de Esquerda), PT e PSTU, com a candidata Maria Íris Tavares, fato inédito na cidade, visto que nenhuma outra mulher, ainda mais de um partido de esquerda, havia se candidatado a prefeita, muito menos com chances eleitorais.

Um aspecto relevante dessas eleições foi o fato de que os dizeres políticos não estavam relacionados a questões “políticas”, tais como programas de governo, etc. Uma das grandes disputas pelos “bens

<sup>2</sup>Orlandi (1993, p. 7) define **discurso fundador** como aquele que funciona como referência básica no imaginário constitutivo de um país. “Um discurso fundador é aquele que instala as condições de formação de outros, instituindo uma região de sentidos, um sítio de significância que configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade (ORLANDI, 1993, p. 15), é a construção do imaginário necessário para dar uma ‘cara’ a um país em formação, para construí-lo em sua especificidade como objeto simbólico”. A autora trata do discurso fundador em relação à construção da identidade nacional brasileira e o concebe em termos de país. No entanto, observamos que há discursos que instituem “regiões de sentido e sítios de significância” que buscam uma “cara” para localidades específicas, um estado, uma região ou uma cidade como Juazeiro do Norte, por exemplo.

simbólicos da eleição” estava na seguinte questão: qual dos candidatos estaria autorizado a enunciar em nome do Padre Cícero, fazendo falar os “discursos reitores” (ORLANDI, 2003) do cristianismo. Tais elementos nos levaram, pois, a um questionamento sobre a constituição discursiva do **porta-voz**, de acordo com o folheto de cordel, com a hipótese da irrupção de um *porte-parole* distinto daquele estudado, por exemplo, por Guilhaumou (1989), no período da Revolução Francesa e outros porta-vozes contemporâneos. No contexto de Juazeiro, o porta-voz “do povo”, para se legitimar, deve, antes de tudo, ser legitimado como porta-voz do Padre Cícero, enquanto discurso de autoridade<sup>3</sup>.

Quanto ao cordel, trata-se de um tipo de literatura popular escrita em versos rimados, um dos principais elementos identitários do nordeste brasileiro, com sua temática variada, que vai desde narrativas heróicas, desafios, temas de literatura e história universais, temática religiosa, política, sátira de tipos humanos, cangaço e até pornografia. Esse tipo de literatura está, hoje, profundamente arraigado no imaginário popular do Nordeste, adquirindo, dentre inúmeras outras funções, a de mídia política, sendo, inclusive, nessas eleições, o material mais discursivizado - comentado, criticado, debatido, oralmente, na imprensa, mediante processo de interdição, etc. Esse fato nos levou, também, a problematizar a questão dos gêneros, um dos componentes da discursividade. Embora seja literatura escrita, o cordel não é senão a forma gráfica de uma poesia essencialmente oral dos repentistas, improvisadores, cantadores de viola, de onde advém sua influência mais próxima.

Em Juazeiro do Norte, a literatura de cordel é uma tradição, impulsionada pelos fenômenos religiosos e incentivada, inclusive, pelo Padre Cícero<sup>4</sup>. Segundo Lopes (1982), há três grandes escolas

<sup>3</sup> A questão do porta-voz adquire importância ímpar, cuja construção discursiva apresenta-se como elemento fundamental para outras representações, tais como a do “povo” por ele representado, a construção simbólica da cidade, e dos sujeitos políticos, nos quais não nos vamos deter, por não ser objetivo deste, mas de um trabalho posterior.

<sup>4</sup> Há o caso do poeta João de Cristo Rei, romeiro, que veio a Juazeiro procurar trabalho e orientação espiritual, como tantos outros e foi se aconselhar com o Padre Cícero, nesses termos: “o que eu devo fazer, meu Padim, com que eu vou trabalhar?” “- Escreva poesia”, teria respondido o Padre Cícero. “- Mas sobre o que eu vou escrever?” “- Qualquer coisa que você faça, darei por bem feito”. João de Cristo Rei escreveu, pois, somente na década de 30, mais de trezentos cordéis sobre o Padre Cícero e Juazeiro.

de cordelistas no Nordeste: a Serra do Teixeira, na Paraíba, a Escola de Pernambuco e a de Juazeiro do Norte, esta última berço também da gravura popular (xilogravura), utilizada inicialmente por Inocêncio da Costa Nick, o Mestre Noza, e depois popularizada nas capas dos folhetos como ilustração, ao lado ou mesmo em substituição da litogravura ou zincogravura, dentre outros fatores, pela redução do preço da impressão.

O folheto “Engana-me que eu gosto” foi lançado como resposta do autor a uma crítica da candidata do PT à administração do Centro de Cultura Mestre Noza. A candidata propunha transformar este Centro numa cooperativa de artesãos, o que desencadeou este folheto que fazia eco com os discursos do candidato do PFL, que caracterizava a candidata como a besta-fera, o Satanás, o anticristo etc.

#### 4 Entre o poder do verbo e o verbo do poder

*Não sou Deus  
nem Diabo  
nem um pé de quiabo*

(Abidoral Jamacaru)

A respeito do discurso religioso, Orlandi (1997, p. 30) afirma que:

Na perspectiva da análise de discurso, o que funciona na religião é a onipotência do silêncio divino (...). Deus é o lugar da onipotência do silêncio. E o homem precisa desse lugar para colocar sua fala específica: a de sua espiritualidade. No discurso religioso, em seu silêncio, **o homem faz falar** a voz de Deus (grifos nossos).

E como, no discurso religioso, o sujeito-mor desse discurso tem o seu duplo oposto, o Satanás, o qual, por não ser um sujeito do plano temporal, também necessita de um outro sujeito para enunciar. Assim, na perspectiva da desqualificação do discurso da candidata do PT, o



texto ativa os elementos da memória religiosa, para a construção de um sujeito político feminino demonizado:

Falou foi a **bestafera**  
**Pela boca do candidato**  
Falar contra **Nossa Senhora**  
É burrice e desacato  
Como é burra **dona Íris**  
Que lambuza no seu prato  
(06, e 1)

O texto ativa outro elemento recorrente do discurso religioso: a eterna luta do Bem contra o Mal, o qual seria personificado pela candidata:

(...) E o CRUZEIRO LUMINOSO  
Do Padre Cícero Romão  
Não passava de arapuça  
Pra derrubar avião  
Vejo **uma bestandade**  
E **do mal a invocação**

Eu combato os grosseiros  
Desde o tempo de rapaz  
Agora vem essa dona  
Com **a cara de Caifaz**  
Vestindo o **anticristo**  
E **comadre de Satanás.**  
(F1, p. 07, e 1)

A palavra extorsivo  
Cabe bem no seu salão  
Repare-se bem no que diz  
Sua **MATRIARCA DO CÃO**  
Não engane o eleitor  
Se não se esparrama no chão  
(F1, p. 02, e 5)<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Grifos nossos, maiúsculas do autor.

O “Cão” é uma das inúmeras designações para o Diabo, o Demônio, o Satanás. Lúcifer era o anjo anteriormente mais querido de Jeová, que se rebelou contra o seu Senhor e desceu às profundezas, de acordo com a Bíblia<sup>6</sup>. Em diversas culturas, há diferentes personificações do Mal, como Caifaz, o sumo-sacerdote hebreu que ofereceu dinheiro a Judas para que este denunciasse Jesus. Caifaz, é, pois, na cultura cristã uma das representações do anticristo.

Quem tiver ouvido ouça  
 Pegue **o rosário** na mão  
 Faça **uma CRUZ** na testa  
 E o **símbolo de Salomão**  
 Pra espantar **satanás**  
 Que anda com assombração  
 (F2, p. 04, e 3)

Olhem bem a cara dela  
 Tem o espectro do cão  
 Rezem o **Credo em CRUZ**  
 Que é uma forte oração  
 Ensinada pros romeiros  
 Por Padre Cícero Romão<sup>7</sup>.  
 (F2, p. 07, e 4)

No processo de desqualificação de um sujeito político e na qualificação de outro, ocorrem os jogos enunciativos com a palavra CRUZ, Credo em Cruz, CC, diretamente associado ao candidato do PFL, cujo nome era Carlos Cruz, a logomarca de campanha era CC e cuja significação jogava com a dubiedade: ora “Carlos Cruz”, ora “Compromisso Comunitário”<sup>8</sup>.

<sup>6</sup> Ver NOGUEIRA, C.R.F. **O diabo no imaginário cristão**. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

<sup>7</sup> Grifos nossos.

<sup>8</sup> Esses jogos de palavras são comuns no discurso político nos mais diversos lugares. De acordo com Bonnafous et al, (1995, p. 231), o discurso político francês entregou-se, prazeiramente, principalmente no período entre-guerras, a jogos discursivos que envolviam a invenção verbal e a composição: *Cléricajard, cléricacathareux, dépoté ou radigaleux*. Mas ocorre ainda na atualidade, como por exemplo, a presença de um discurso de um Ministro do Interior Francês referindo-se ao ex-deputado Cohn-Bendit, do Partido Verde como “Con Bandit”.

Os sentidos do religioso não se apagam através da paráfrase. Ao contrário, eles se transformam, adquirindo outros significados. O discurso político apropria-se dos elementos do discurso religioso: o símbolo de Salomão (a estrela de seis pontas), o rosário, a oração,romeiros, Padre Cícero, atuando fortemente na construção da imagem da candidata do PT como Satanás, a besta fera que é o Anticristo descrito no Apocalipse 13:17-18. “Satanás é um mestre do disfarce e procura constantemente falsificar as verdades de Deus” (Coríntios 11:13-15). Além disso, o Padre Cícero sempre atualizava esse discurso, afirmando que “a besta é traçocira e pode adquirir muitas faces, às vezes, até mesmo a de uma bela mulher”.

A apropriação desse discurso pelo discurso político não deixa marcas dessa apropriação, como aspas ou outro recurso. Tal apropriação materializa, assim, uma das formas de heterogeneidade constitutiva que Indursky (1997) chama de **incisas discursivas**, ou seja:

Formas não-marcadas da heterogeneidade discursiva e consistem em sequências de fragmentos de sequências discursivas oriundas de outros discursos que, ao serem interiorizadas, não deixam marcas de sua procedência externa, nem mesmo de seu processo de apropriação. Caracterizam-se por não apresentar um elemento introdutor, nem previsibilidade sintática ou formal (INDURSKY, 1997, p. 345).

É exatamente nessa imprevisibilidade que se constrói a ilusão da unidade, cujo efeito de sentido faz ao leitor parecer natural tal junção. É justamente nesse ponto de deriva onde atuam os efeitos de sentido provocados pelo inter-relacionamento entre distintas regiões do dizer. O político só faz sentido porque ativa a memória discursiva religiosa e é aí onde ele age, na tensão entre esses dois universos discursivos: na memória política de forma mais esmaecida, muitas vezes, apenas subsidiária, mas de forma mais enfática, na memória religiosa. É a partir, pois, da reconstituição de uma memória discursiva religiosa onde são “inseridas” as falas “políticas”:

A tal lagarta só fala  
 Em greve e confusão  
 Não vê que **o trabalhador**  
**Não vive sem o patrão**  
**Um servindo-se do outro**  
**No trabalho e união** (grifos nossos).  
 (F2, p. 06, e 4)

Empregada doméstica  
 Se não fosse a patroa  
 Como é que viveria?  
 Sem dinheiro e atoa  
 Sem comida para os filhos  
 E num barco sem ter proa  
 (F2, p. 06, e 5)

O discurso político construído, nesse jogo de efeitos, é o do “contrato social”, da conciliação entre as classes, uma visão positivista das relações sociais em que cada componente tem o seu lugar na conformação do “sistema”, um não podendo sobreviver sem o outro, o que cria o efeito de sentido de igualdade entre as classes, quando opõe “greve, confusão, baderna, brigas de comadres, caos, bagunça, xiita, identificando tudo isso com candidata do PT, a “trabalho e união” identificando tais atributos ao outro candidato.

Não deve tal candidata  
 Pelo povo ser eleita  
 Ela é a **desavença**  
**Mentira pura, maleita**  
**Maria Luiza boba**  
 Satanás é quem aceita  
 (F1, p. 06, e 2)

Me diga qual o governo  
 Que fica bem na baderna?  
 (F1, p. 06, e 4)

## 6 Ecos de madeira e sopros de vento no discurso político

Consideramos que, embora a interdiscursividade seja um elemento inerente e constitutivo da linguagem, todo esse atravessamento do discurso político pelo discurso religioso são marcas de alguns processos um pouco mais complexos dos “regimes de discursividade” contemporâneo. No caso em tela, pode significar uma espécie “dessemantização”, ou, em outros termos, a “despolitização” da Política.

A expressão “línguas de vento”, ou seja, a língua fluida, rápida, efêmera, característica principalmente dos meios de comunicação contemporâneos e que influenciam também o discurso político, é colocada, em geral, em oposição às “línguas de madeira” ou “langue de bois”. A expressão “de madeira” refere-se a um tipo de linguagem hermética, opaca, e designava, a princípio, um tipo de linguagem falada, por exemplo, na União Soviética no período posterior à revolução bolchevique.

Volkoff (2004) coloca alguns exemplos do funcionamento do que o seu tradutor brasileiro denominou de “língua de pau”:

Prefere as formas passivas e impessoais: “Fez-se um bom avanço construtivo, o laço mútuo foi reforçado, foram expressos votos, foi dada uma atenção particularmente profunda, como forma de sugerir um ‘nós’ coletivo [...]”; Os adjetivos descoloridos servem para dar aos substantivos um sinal positivo ou negativo, como “forças progressistas”, “abundância kolkhoziana”, “legalidade revolucionária” [...]; recorre, por vezes, a metáforas estereotipadas: “os comunistas são a carne da carne, o sangue do sangue da classe operária”, “Lenine é a encarnação ideal do revolucionário” [...]; recorre frequentemente à alegoria, à prosopopéia, à metonímia. Se quer designar-se a URSS, diz-se “O partido e o governo”; se querem referir-se aos Estados Unidos, diz-se “Wall Street” ou “o Pentágono”. A metalepse permite supor demonstrado o que não está, tipo a “justeza das teses leninistas” (VOLKOFF, 2004, p. 68).

De acordo com Seriot (1986, p. 11) é o que a dissidência na União Soviética chamou de “sukonnyj jakik”: a língua de pano, rude,

áspera, desigual; ou ainda, “a língua pastosa, que pesa na boca e a enche”. Línguas de peso, talhadas na massa (nas massas?) fundidas em um bloco, línguas de mármore, línguas de ferro<sup>9</sup>.

O *Petit Larousse* 2000 assim define essa expressão lexicalizada: “manière rigide de s'exprimer en multipliant les stéréotypes et les formules figées, notamment en politique”<sup>10</sup>.

Gadet e Pêcheux (2004) consideravam como língua de madeira as línguas do Direito e da Política, por se tratarem de enunciados extremamente codificados, tipos de códigos fechados, inacessíveis a outros setores não envolvidos nesse campo de saber bem como à maioria da população. Consideravam os autores que, “com a ascensão dos meios de comunicação de massa, a língua do direito e da política se enrosca com a língua de vento da propaganda e da publicidade. Uma face obscura de nossa modernidade a que uma reflexão sobre a língua não poderia permanecer cega” (GADET; PECHEUX, 2004, p. 23).

De acordo com Orlandi (1990, p. 35): “o discurso político é sempre um discurso sobre”. Isso quer dizer que o discurso político elege seus temas, ao mesmo tempo em que apaga, silencia outros. Quando se elege, pois, um certo tema em detrimento de outros, tal escolha está relacionada à questão do que se pode e deve falar em determinado tempo e lugar. O que pode significar, por exemplo, falar, como tema político das eleições, sobre o Satanás, Besta-fera, sobre Padre Cícero, no ano 2000, quando a cidade de Juazeiro do Norte apresenta problemas estruturais como o crescimento desordenado, em decorrência, dentre

<sup>9</sup> Em geral, refere-se à *langue de bois*, como uma “ideologização” da língua, uma espécie de privatização dos significados de determinadas expressões, como forma de se cristalizar sentidos, apagando outros. A *langue de bois* soviética já foi comparada, inclusive, com a *Novlangue* de George Orwell, em seu livro: 1984. No entanto, é necessário analisar até que ponto essas línguas de madeira são exclusividade dos bolcheviques, visto que, no discurso liberal contemporâneo tem-se, por exemplo, o uso de metonímias e eufemismos, como “flexibilização dos direitos trabalhistas”, “política de austeridade”, “abertura de mercados”, “enxugamento da máquina”, expressões que podem significar diferentemente em outras formações discursivas. Além disso, de acordo com as premissas da AD, todo discurso é produzido no seio das formações discursivas, que, por seu turno, dizem respeito às diferentes formações ideológicas (o que não quer dizer que haja um sinal de igualdade mecânico do tipo: “a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva”). Ver GRANGEIRO, C.R.P. **Foucault, Pêcheux e a formação discursiva**. In: BARONAS (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Pedro e João Editores: São Carlos, SP, 2007.

<sup>10</sup> Maneira rígida de falar, multiplicando os estereótipos e as fórmulas petrificadas, principalmente em Política. Tradução nossa.

outros fatores, das romarias, desemprego, serviços públicos inadequados, corrupção?

Nesse sentido, é possível pensar na hipótese de que não há dicotomia entre “língua de vento” e “língua de madeira”. As formas breves, os parágrafos curtos, as “frases de efeito”, assim como a utilização do cordel, a derrisão, a personalização da política, as referências ao discurso religioso numa perspectiva maniqueísta, talvez sejam indícios de que as línguas de vento são apenas uma forma mais fluida (porém não mais inocente) da língua de madeira, visto que as questões de interesse do povo não são discursivizadas, são silenciadas, transformando assim a “fala política” num “diálogo de surdos” entre seus interlocutores mais imediatos, quais sejam: “o povo”, “os eleitores” e os seus mais variados “porta-vozes” e/ou pretensos governantes.

É possível que essa língua de vento da Política ou essa política da “língua de vento” que ocorre, por meio, por exemplo, do silenciamento de determinados temas e de outros mecanismos, seja uma outra forma de manifestação da língua de madeira, visto que, de uma ou de outra forma, “as falas políticas”, as questões concernentes à cidade, às pessoas, continuam inacessíveis ao “povo”, não são discursivizadas.

Esse debate, por outro lado, suscita outra questão de fundo: como se constitui o discurso político contemporâneo, particularmente, em Juazeiro do Norte? Existem de fato essas “questões políticas”, independentes do cruzamento com outros discursos ou é exatamente daí, de outras esferas sociais de onde ele extrai a sua legitimidade, não gozando, portanto, de autonomia? Em outras palavras: o **discurso político existe**, como uma “região do dizer” específica, é “sério”, faz sentido?

Além disso, esse discurso religioso tomando como base a autoridade da figura do Padre Cícero diz respeito, também, ao que Courtine (2006, p. 88) chama de uma “hierarquização da memória”. A memória do Padre Cícero que engendrou “o Juazeiro”, que assegura o futuro pela evocação do passado, que “ancora a volatilidade da palavra com o chumbo da lembrança” (COURTINE, 2006, p. 89). Nesse sentido, é

importante perguntar: que Padre Cícero é esse, cujo silêncio onipotente faz falarem em seu nome? O “Padre Cícero” no discurso do cordel não é também mais do que um efeito de sentido, efeito de sentido de evidência, como se o discurso do Padre Cícero fosse transparente, fosse óbvio e sempre se possa enunciar em seu nome com um determinado sentido, apagando outros.

## 7 Considerações finais

O Padre Cícero faleceu em 1934, período de transição e de transformações da antiga república para a chamada “República Nova”, mas ainda predominava, sob outras formas, “o império do bacamarte” (MACEDO, 1990), diferente das relações políticas atuais<sup>11</sup>.

Desse tempo para os dias atuais, houve toda uma mudança nos regimes de discursividade. O País passou por diversos períodos na sua história política: ditaduras, governos “democráticos”, etc. No entanto, a ativação de uma memória discursiva com base no Padre Cícero produz o que Courtine (2006, p. 88), em sua análise do discurso do Partido Comunista Francês, vai denominar de a ficção de um tempo imóvel”. Para o autor

a memória discursiva funciona como gelo **do tempo histórico** no qual se forma a discursividade, [...], é a memória da história de ‘um tempo que não passa’, história imóvel, congelada (COURTINE, 2006, p. 88, grifos do autor)<sup>12</sup>

Assim, quando o discurso político se utiliza do discurso religioso para desqualificar um discurso político e legitimar um outro, utilizando-se, tanto da memória religiosa cristã universal, como dos elementos relacionados ao Padre Cícero, é como se o discurso do Padre Cícero fosse óbvio, translúcido, sempre idêntico a si mesmo e congelado no tempo, perspectiva desconstruída à medida que as mais diversas formações discursivas utilizam-se da sua memória para enunciar.

<sup>11</sup> Mudanças, mas não muitas, visto que “os bacamartes contemporâneos” são de outra ordem e sujeitos a outros tipos de relações e determinações.

<sup>12</sup> “Vivemos nas instituições sob a vigilância dos mortos”. Legendre. P. *Jouir du Pouvoir, traité de la bureaucratie patriotique*. Paris, Seuil, 1976.



O político procura, pois, construir sua “língua”. Isso significa impor um consenso de significação e de valores, impor seus símbolos e seus ritos discursivos, silenciando outros ritos, outros dizeres. Em síntese, o discurso político busca “fazer a lei” linguística. Ele fala como se as palavras possuísem um conteúdo estável, o seu, fixo, como se tudo fosse evidente. De fato, tudo no linguístico em torno do político atua entre dois pólos contrários: as forças de estabilização da língua de madeira e as forças de desestabilização, trazidas pelas práticas discursivas de toda ordem, os dissensos de todos os tipos, fazendo com que, além das “línguas naturais serem capazes de política”, a Política também seja capaz de “Linguística”.

Inserindo-se, portanto, no contexto de uma sociedade espetacularizada, atua esse discurso como um teatro de sombras, num jogo de esconde/revela, como produtor de subjetividades móveis, intercambiáveis, num processo de apropriação/re-significação de símbolos, ícones, utilizando-se do jogo de memória/esquecimento, nessa instável relação entre a língua e a história, onde os sujeitos são construídos/constituídos e (re)fazem o(s) sentido(s).

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BÍBLIA SAGRADA. Edições Paulinas. São Paulo, s/d.

BONNAFOUS, S; TOURNIER, M. Analyse du Discours, lexicométrie, communication et politique. **Langages**. Paris, n. 117, p. 67-95, 1995.

COURTINE, J.J. Os deslizamentos do espetáculo político In: GREGOLIN, M. R. (Org). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-33.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

- FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GADET, F. ; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**. Campinas: Pontes, 2004.
- GRANGEIRO, C.R.P. Catolicismos diversos na Igreja de Roma e A questão sócio-religiosa de Juazeiro do Norte. In: \_\_\_\_\_. **O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte**. Crato: A Província Edições, 2002. p 98-105.
- GRANGEIRO, C. R. P. Foucault, Pêcheux e a formação discursiva. In: BARONAS (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Pedro e João Editores: São Carlos, SP, 2007. p. 33-45.
- GRANGEIRO, C. R. P. **Discurso político: a besta-fera, o Padre Cícero e o Juazeiro**. 2007. 174p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Departamento de Linguística da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2007.
- GUILHAUMOU, J. **La langue politique et la révolution française. De l'événement à la raison linguistique**. Paris: Méridiens Klincksieck, 1989.
- GUMBRECHT, H. U. A pletera moderna do sentido. 24 anos de Poética e Hermenêutica. **Letras**, São Paulo, v. 34, n. 2, p.88 a115,1988.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HABERMAS, J. **L'espace public**. Paris: Payot, 1978.
- INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- LEGENDRE, P. **Jour du Pouvoir, traité de la bureaucratie patriotique**. Paris: Seuil, 1976.
- MACEDO, J. **O império do bacamarte: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense**. Fortaleza: Casa José de Alencar Programa Editorial, 1990.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: UNICAMP, 1997.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista. Discurso do confronto: Velho e Novo mundo**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, M. **Remontons de Foucault à Spinoza**. In: MALDIDIÉRIER, D. **L'Inquiétude du discours**. Paris: Éditions des Cendres, 1990, p. 245-293.

PETIT LAROUSSE. Paris: Éditions Larousse, 2000.

SERROT, P. La langue de bois et son double: une analyse des analyse du discours politique soviétique. **Langages et société**. Paris, n. 35, p. 7-32, 1986.

VOLKOFF, V. **A Desinformação Organiza-se**. In: \_\_\_\_\_. **Pequena História da Desinformação – do Cavalo de Tróia à Internet**. p. 66-71. Curitiba: Editora Vila do Príncipe Ltda, 2004.

*Recebido em 10 de abril de 2009.*

*Aprovado para publicação em 25 maio de 2009.*

## **SOBRE A AUTORA**

**Cláudia Rejanne Pinheiro GRANGEIRO** é doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, com estágio no CÉDITEC (Centre d'étude des discours, images, textes, écrits, communications) - Sorbonne - Paris XII. Atualmente é professora adjunta da Universidade Regional do Cariri (URCA), coordenadora do GEADIS - Grupo de Estudos em Análise do Discurso, pesquisadora do GRUDIÓCORPO - Grupo de Estudos do Discurso e do Corpo, da UESB. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: Discurso político, discurso religioso, formação discursiva, cultura popular e Literatura de Cordel. E-mail: claudiarejannep@yahoo.com.br.